

LILIAN CARMINE

LOST BOYS

O verdadeiro amor nunca morre

Adaptado da tradução de
Amanda Orlando, Leya Brasil

|||||
casadasletras

CAPÍTULO UM

Flores para os mortos

Eu estava mesmo perdida.

Deambulava já pelo antigo cemitério há cerca de vinte minutos, na tentativa de encontrar a saída, mas sempre que julgava que estava perto dos portões, percebia que me tinha embrenhado ainda mais.

Quanto mais avançava, mais tudo me parecia envelhecido. As estátuas caíam aos pedaços e as tumbas mal cuidadas estavam cobertas por uma espessa camada de musgo. A neve acumulava-se em montes sobre as sepulturas, embora a álea principal estivesse, para minha surpresa, desimpedida. Sentia-me seriamente tentada a gritar por ajuda, como uma criança patética que se perdera da mãe. Conseguia até sentir o rubor de constrangimento a queimar-me as bochechas só de imaginar essa possibilidade.

E pensar que toda esta confusão foi, na verdade, culpa desta minha mania de ter sempre as melhores intenções.

Tudo começou quando me ofereci para fazer compras para a minha mãe, já que ela estava ocupada na nossa casa nova, a desfazer caixas e a adiantar algumas tarefas do seu novo trabalho. A minha mãe recebeu uma proposta para ocupar um alto cargo, com um salário astronómico e diversos benefícios incríveis, numa das filiais de uma famosa firma de advocacia, o que resultou na nossa apressada mudança para uma pequena cidade chamada

LILIAN CARMINE

Esperanza, apenas algumas semanas antes do Natal. Foi tudo muito repentino, mas a proposta era tão boa que, pura e simplesmente, não pôde recusar.

Sempre lutámos para manter as nossas finanças equilibradas e, finalmente, não teríamos de nos preocupar com esse assunto. A minha mãe estava radiante com esta reviravolta tão surpreendente na sua carreira e, se ela estava feliz, eu também estava.

Mesmo que isso significasse deixar a minha escola e ter de me matricular num local novo, só para poder terminar o meu último ano e formar-me.

Além da escola, tive de abandonar todos os meus amigos mas, de certa forma, não foi algo muito complicado. Na verdade, fez com que eu percebesse que não era assim tão próxima de ninguém e esperava poder fazer novos amigos naquela nova cidade. Torcia para que tal acontecesse.

Bem, deixei a minha mãe no seu novo *home office*, enterrada atrás de uma pilha de pastas e, assim que pus os pés na rua, dei de caras com uma senhora que mais parecia uma louca, com o cabelo roxo e óculos de lentes grossas, que me pediu ajuda para carregar um enorme vaso de plantas que dizia ter comprado para o marido. Claro que eu tinha de ajudar. A minha mãe ensinou-me a respeitar sempre os mais velhos – e aquela senhora era realmente velha! Que mal havia em dar-lhe uma ajudinha?

Arrependi-me da minha boa vontade assim que ela me passou o vaso para as mãos. Como era grande! E tão, tão pesado! Não tinha andado nem meio quarteirão e já estava com dores insuportáveis na coluna. Também tinha a cara cheia de terra e a parte de cima da blusa toda suja.

A velhinha, que se chamava Dona Violeta, durante todo o caminho manteve um ritmo constante de tagarelice, fazendo-me todo o género de perguntas inconvenientes: de onde eu era, se tinha namorado, como me chamava... Tudo bem, perguntar o meu nome até era uma coisa razoável, mas o resto não passava do mais puro blabláblá.

LOST BOYS

Quer dizer, porque é que ela precisava de saber em que ponto estava o meu namoro? E se eu não tivesse namorado? Isso não era da sua conta! De qualquer forma, na cidade onde morava anteriormente, não costumava sair com muitos rapazes. Nunca consegui perceber o que é que isso tinha de tão incrível. Os rapazes costumavam ser tão irritantes, mandões, sempre a dizerem-me o que devia fazer – ou que eu devia ser mais feminina. Não precisava de ninguém que me dissesse o que fazer, como me comportar ou que devia usar vestidos em vez de *jeans* largos. Eu não precisava de nenhum rapaz ao meu lado para me sentir bem, muito obrigada.

Aquele tipo de conversa sobre namorados deixava-me sempre irritada, por isso tinha de me esforçar para ser educada enquanto suportava o diálogo que vinha sempre a seguir a um estranho me perguntar o nome. Com Dona Violeta, apesar do cabelo roxo, não foi diferente.

– Disseste que te chamas Joe?

Sem pensar duas vezes, podia apostar todo o salário novo e polposo da minha mãe qual seria a próxima pergunta. Faça chuva ou faça sol, uma das certezas da vida sempre foi:

– Mas Joe é nome de rapaz.

Sempre, sem exceção.

Como é da praxe nestas situações, limitei-me a suspirar alto e bom som como resposta. Como se eu não soubesse que Joe é um nome de homem. As pessoas podiam, no mínimo, ser mais criativas e dizerem qualquer outra coisa para além desta conclusão genial.

Mas, para dizer a verdade, desta vez Dona Violeta até tentou esconder a surpresa.

– Bem, acho que não há nada de mal nisso. Os jovens de hoje gostam de tudo quanto é esquisitice: rapazes com brincos, raparigas com tatuagens. Uma miúda com nome de homem não é assim tão estranho – disse ela, depois de ruminar um pouco a respeito da estranheza do meu nome.

E, então, finalmente chegámos ao nosso destino, onde o marido de Dona Violeta parecia esperar as flores. Fiquei tão

LILIAN CARMINE

chocada que não consegui dizer qualquer coisa simpática. Dona Violeta tinha-me levado para o velho cemitério de Esperanza, até à sepultura do marido, onde me pediu que colocasse o vaso ao lado da lápide. Senti-me tão culpada por ter protestado por causa do peso do vaso e da terra que me desculpei rapidamente e pedi licença para me ir embora, a fim de a senhora ter privacidade para «conversar com o marido».

Era um daqueles frios, mas deliciosos, dias de dezembro, pelo que decidi dar uma volta pelo cemitério. O sol pálido chegou mesmo a sair detrás das nuvens cinzentas e a neve parara de cair no início daquela manhã. Naquele dia senti-me como se o inverno me tivesse dado um descanso, permitindo que eu saboreasse aquele pequeno passeio num clima que era quase agradável, só para variar um pouco.

Bem, pelo menos *foi* agradável até ao momento em que me perdi. E lá estava eu, a andar sem destino num velho cemitério, tentando encontrar o caminho que me levasse de volta a Dona Violeta ou, melhor ainda, até à saída. Uma brisa suave soprou no meu rosto e o ar carregava uma vaga fragrância de cravos, embora eu não visse nenhuma flor por ali.

E foi então que o vi.

CAPÍTULO DOIS

Olhos cinzentos

Um rapaz, apenas a alguns metros de distância. E era bonito.

Estava sentado numa pequena sepultura coberta de musgo. Balançava as longas pernas para frente e para trás, distraído, com o olhar fixo num qualquer ponto distante no horizonte. Claramente não percebeu que eu estava a observá-lo.

Parecia ter a minha idade. E, por acaso, já disse que ele era bonito? Tinha o cabelo preto e liso, da mesma cor do meu, mas com um penteado engraçado, demasiado arranjadinho para o meu gosto. Tinha feito o risco milimetricamente, como eu nunca vira nenhum outro rapaz fazer. Perguntei-me que produto usaria para que o cabelo ficasse assim, tão esticado e brilhante.

Usava uma camisa branca metida com todo o cuidado para dentro de umas calças elegantes. Até se poderia pensar que estava vestido para um funeral não fora o blusão de couro já muito gasto, que fazia um contraste giro com o resto da roupa formal. Entretanto, parecia triste. Talvez também tivesse perdido alguém como Dona Violeta e quisesse estar sozinho.

Por fim, decidi aproximar-me. Se tudo corresse mal, pelo menos ele podia dizer-me onde ficava a saída. Reuni um pouco de coragem e atravessei a curta distância que nos separava, parando mesmo ao seu lado. Imaginei que a proximidade faria com que desse pela minha presença, mas tive de aclarar a garganta para lhe atrair a atenção.

LILIAN CARMINE

O miúdo deu um pulo, assustado, e olhou para mim pela primeira vez, com os olhos arregalados. Só então ao poder ver os seus olhos com clareza senti-me completamente apanhada de surpresa. Aquele rapaz tinha uns olhos cinzentos extraordinários! Não eram daquele tipo de cinzento que as pessoas usam quando querem descrever um azul apagado. Os olhos dele eram realmente cinzentos. A sério. Aquele cinzento que surge quando todas as outras cores desaparecem.

O miúdo parecia quase uma fotografia antiga. E a sua roupa monocromática realçava-lhe ainda mais a ausência de cor dos seus olhos. O olhar dele, porém, não tinha nada de vazio. Pelo contrário, deixava transparecer uma inteligência profunda. Os olhos cintilavam ao sol de inverno, brilhando como chamas penetrantes. Juro por Deus que, por um centésimo de segundo, vi uma luz sair de dentro deles. Ou talvez tenha sido apenas a claridade a pregar-me uma partida. Aquele encontro foi tão estranho que senti calafrios a atravessarem toda a minha pele.

Naquele momento, encontrava-me literalmente perdida nos seus olhos. O rapaz parecia tão surpreendido que nem pestanejava, com o olhar fixo em mim, como se estivesse numa espécie de transe. Levei algum tempo até me sentir capaz de dar início a um diálogo coerente.

– Ei. Olá, desculpa. Eu... estava aqui a pensar se me podias ajudar a encontrar o caminho de volta ao portão principal? Estou um pouco perdida – disse, ainda hipnotizada pelo olhar dele.

Então, ele pestanejou algumas vezes, como se tentasse sair do seu próprio assombro e, devagar, olhou em redor, como se quisesse confirmar que eu, de facto, estava a falar com ele. Não havia mais ninguém por ali. Era óbvio que eu estava a falar com ele!

– O... o... quê? – gaguejou ele.

Fiz uma careta. Que miúdo mais esquisito! Talvez eu me tivesse enganado quando pensei que a beleza dele combinava com uma mente astuta. Parecia estar a passar por dificuldades, tentando perceber o que eu dizia.

LOST BOYS

– Tu. Podes. Ajudar. Me? Sabes como se sai daqui? Estou um pouco perdida – perguntei novamente, incapaz de esconder o sarcasmo da minha voz. Falei alto e devagar, como se ele fosse uma criancinha. Ou uma pessoa muito estúpida.

E então foi a vez de ele fazer uma careta.

– Não precisas de falar assim! Miss, não sou idiota. – Parecia ofendido. – Fiquei apenas... surpreendido... por estares a falar comigo. Só isso.

Claro. Aquilo foi definitivamente esquisito. E as palavras dele não faziam sentido nenhum. Aquele rapaz, que falava de uma maneira engraçada, tinha-me tratado por *miss*. Ficou bem claro que Esperanza era uma cidade mais antiquada do que eu temia. Ou, então, aquele tipo era maluco. E lá estava eu, sozinha com um doido num velho cemitério abandonado. O bom senso diria que eu precisava de sair dali o mais depressa possível.

– Tudo bem. Desculpa lá o incómodo. É óbvio que estás... – «maluco», pensei – ... ocupado, de momento. Tenho a certeza de que consigo encontrar a saída sozinha – murmurei, afastando-me devagar no intuito de não assustar o rapaz, que já parecia suficientemente transtornado.

– Não, espera! – O miúdo pulou da sepultura. Percebi que se movia de maneira muito suave e elegante, como um atleta. – Mil desculpas, *miss!* Deves estar a achar que sou maluco ou alguma outra coisa do género. – E fez o sorriso mais *sexy* que já vi.

O que quero dizer é que aquele era o sorriso mais bonito, honesto e de tirar o fôlego que eu já vira em toda a minha vida! Fez com que o meu coração parasse de bater por alguns segundos. A minha ideia de fugir dele desapareceu perante a luz do seu sorriso.

– É, alguma outra coisa do género... – sussurrei baixinho e olhei para baixo, nervosa, mas, de qualquer forma, ele ouviu-me e deu uma gargalhada.

– Está tudo bem. Garanto-te que não sou louco. E posso ajudar-te a encontrar a saída. Estamos quase no centro do cemitério. A caminhada até ao portão da frente é longa. Suponho

que queiras chegar à saída principal, não é? – Ele caminhou na minha direção.

Assenti com a cabeça. O rapaz estava de pé a poucos centímetros de mim e pude ver-lhe melhor o rosto. Tinha um nariz fino e reto, que lhe definia a face, um queixo quadrado e forte e, naquele momento, ostentava um sorriso brincalhão nos cantos dos lábios carnudos. Os ombros eram largos e a constituição magra, porém, atlética, definida. Era mais alto do que eu, o que não é muito difícil, porque sou baixinha. Ele baixou o olhar, para me observar com aqueles olhos cinzentos, estranhos, penetrantes.

– E, então, quem é que está «*um pouco*» perdida? – perguntou ele, por fim, após um momento de silêncio. Naquele instante, parecia estar de facto a divertir-se.

– O quê? – perguntei, confusa. E, na verdade, perdi-me um pouco novamente, desta vez, nos olhos dele.

– Disseste ainda agora que estavas *um pouco* perdida. Estás perdida, ou não. Concordas comigo?

– Bem, não sei. Sei onde estou. Estou no cemitério. Só não sei exatamente onde estou no cemitério. Isso pode ser considerado como «*um pouco*» perdida. Porque não é completamente perdida. – Cruzei os braços sobre o peito em desafio e dei o assunto por encerrado.

Ele soltou uma gargalhada sonora. A brisa tornou-se mais intensa e algumas folhas começaram a rodopiar à nossa volta. Senti-me mais uma vez envolvida pelo aroma dos cravos.

– Talvez tenhas razão. – Ele deu o braço a torcer e virou-se para a esquerda. – Anda. Vou mostrar-te como saís daqui. – Começou a afastar-se.

Tentei acompanhar o passo do rapaz, que tinha umas pernas muito compridas.

– Ei, por acaso não és um assassino e não me estás a levar para o lugar secreto onde matas e enterras as tuas vítimas, não? – perguntei em tom sério.

– Um assassino? – Ele parecia confuso.

LOST BOYS

– ‘Tás a ver... um criminoso doido que fica à espera de miúdas perdidas e inocentes que pedem informações...

Então, ele pareceu levemente perplexo com esta descrição tão vívida.

– Não sou um criminoso, *miss*. Nem um assassino. Embora, talvez mentisse a esse respeito se fosse mesmo um matador. Por isso, creio que a tua situação não é das mais fáceis. – Riu-se. – Porém, parece que foste tu que andaste a enterrar coisas por aqui. Sabes que estás coberta de terra no rosto, na roupa... e que até tens um pouco de terra no cabelo?

Tentei limpar-me com as palmas das mãos, morta de vergonha.

– Eu... tive um incidente sem importância com um vaso de flores gigante no caminho para aqui. – O meu rosto estava vermelho como uma beterraba. Deus do Céu! Agora, ele é que devia ter passado a achar que eu era maluca! Malditas flores idiotas! – E então... como te chamas? – perguntei casualmente, tentando afastar o assunto da sujidade que me cobria a roupa e a cara.

Olhou para mim de lado, sem parar de andar, diminuindo apenas um pouco o passo. Demorou algum tempo a responder. O que achei estranho. *Mais uma vez*. Aquele miúdo, definitivamente, estava a ganhar-me aos pontos em matéria de «esquisitice».

– Chamo-me Tristan – disse, lançando-me um olhar cauteloso.

Tristan. Era um nome esquisito, antiquado, que parecia ter tudo a ver com ele. No entanto, não me atrevi a dizer nada. Não com a minha história, tendo um nome tão *curioso* quanto o meu. Nunca poderia atirar pedras a telhados alheios quando o meu próprio era feito de cristal fino.

– Muito prazer, Tristan – disse eu, simplesmente.

Olhou para mim de lado, mais uma vez, com aquela expressão suspeita.

– Como? Não vais dizer uma piada engraçadinha? Não vais gozar comigo? Nada de risinhos ou coisas do género? – perguntou ele, na defensiva.

LILIAN CARMINE

– Porquê? É um nome bonito. – A minha expressão era séria.
– Vem do conto de Tristão e Isolda, certo? Ele era um cavaleiro e estava metido num caso amoroso secreto, ou coisa parecida, não é? Não me lembro bem, agora. Mas é uma linda história.

– É isso mesmo. A minha mãe tinha uma queda por esses livros antigos, românticos e melosos – murmurou ele, sombrio, e ergueu uma sobrancelha inquiridora na minha direção.

– Que foi? – Tentei defender-me. – Eu estou com atenção nas aulas de literatura, é só isso! E a questão é que a história de Tristão e Isolda é incrível, não tem nada de melosa. Com toda a sinceridade, adorei ler esse livro. Sabes como é, não tem nada de patético gostar de ler – expliquei, um pouco envergonhada. Apanhei Tristan a tentar abafar uma gargalhada.

Andámos em silêncio durante algum tempo. Eu seguia em silêncio, enraivecida por ele se ter rido de mim, enquanto ele se esforçava para não continuar a rir da minha fúria. Percebi que abrandava o passo.

– Bem, acho Tristan um nome muito giro. De verdade. Além do mais, quem sou eu para te gozar? Tenho um telhado de vidro bizarro – sussurrei enquanto dava um pontapé numa pedrinha do chão.

– Não percebi. Podes explicar-me, por obséquio? – pediu ele, visivelmente confuso. De facto, aquele miúdo falava de uma maneira engraçada, mas talvez isso fosse uma característica dos moradores de Esperanza.

Parou alguns segundos depois quando percebeu que eu parara de andar e virou-se para olhar para mim com uma expressão que era um misto de curiosidade e confusão.

– O meu nome é Joe. Joe Gray. – Apertei os olhos, desafiando-o a rir-se de mim.

Olhámos um para o outro durante alguns segundos, sérios, apesar do ridículo da situação.

– Joe, hem? – Ele semicerrou os olhos e observou-se. – É um bom nome.

LOST BOYS

– É.

– É – concordou ele.

Por um segundo, lancei-lhe um olhar de suspeita e depois recomecemos ambos a andar num passo ainda mais lento. Imaginei o quão devagar seríamos capazes de andar.

– Então, Joe... – começou ele a dizer. – Hoje em dia a tua mãe, por acaso, tem a noção de que a *miss* não é um rapaz?

– E a tua por acaso tem alguma noção de que não és um cavaleiro do século doze? – rebati.

Soltou outra daquelas gargalhadas penetrantes. A minha barriga agitou-se um pouco graças àquele som.

– Ui. Tudo bem. Agora que já ultrapassámos *esse* assunto, peço uma trégua. – Ele limpou a garganta e decretou num tom de voz sério: – Não haverá mais debates a respeito de nomes, minha cara Lady Gray. Esta será a minha primeira ordem na minha posição de verdadeiro cavaleiro.

– Bem, foste tu que começaste com esta história. – Sorri para ele.

– Sim, sim, mas agora podemos rir de tudo isto e seguir em frente sem este assunto desconfortável entre nós. – O tom da voz dele era apaziguador. – E não te pareces nada com um rapaz. Isso não devia aborrecer-te assim tanto.

– O meu pai queria muito ter um filho rapaz e a minha mãe não era muito apegada a esse género de convenções. E ela também gostou do nome, por isso... – murmurei, chutando outra pedra.

– Bem, agora que te conheço, não consigo imaginar-te com outro nome, Joe. – E cegou-me por uns segundos com o brilho estonteante do seu sorriso. – Apesar de eu ainda gostar mais de Joey.

O diminutivo, carinhoso, ao sair da boca daquele rapaz, pareceu aquecer estranhamente o meu coração.

– Obrigada, Tristan.

Deixámos para trás a ala antiga do cemitério e flores em variados estados de decomposição passaram a adornar alguns dos